

Tradução do Prefácio I do livro “Prefácios” (Forord, de 1844), de Kierkegaard

Traduzido por Maria Deiviane Agostinho dos Santos¹

Apresentação²

Com seus pouco mais de 50 anos, a pesquisa em torno das obras de Kierkegaard é relativamente nova no Brasil. O pensamento de Kierkegaard é abrangente, versando sobre poesia, filosofia, psicologia e até mesmo sobre lógica modal.³ Apesar de sua significativa abrangência, existem disciplinas filosóficas tratadas por Kierkegaard com uma ênfase maior. Essas disciplinas versam sobre ética, responsabilidade individual e linguagem. De forma indireta, o pesquisador e o aluno brasileiro já mantêm um contato com as ideias de Kierkegaard. Em especial, estão referidas às ideias que dão origem ao existencialismo, como é o caso da má-fé (*mauvaise foi*) e a moral da ambiguidade.⁴ Para Kierkegaard, a má-fé se daria como estado primitivo da vontade sobre o dever moral (vontade estética) ou ainda um estado sofisticado da vontade sobre o dever moral (um autoengano/et Selvbedrag). Por extensão, a moral da ambiguidade seria para ele um reflexo da síntese entre vontade primitiva e sofisticada. No centro de teorias como essas, estão as questões sobre o ser, sobre a verdade e sobre o humanismo na construção de uma ética pós-kantiana. A tradução que apresentamos aqui versa sobre uma má-fé um pouco mais

¹ Nasceu na aldeia do Olho D'água, é da etnia Pitaguary, trabalha com filosofia moderna, social, decolonial e política. Interessa-se pelos conceitos de Eu e Outro, especialmente em relação ao pensamento colonial e sua linguagem. Traduz as obras de Søren Kierkegaard do dinamarquês para o português, assim como literatura, Ibsen e Ditlevsen. Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/2012). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC/2014) com período sanduíche na UFMG (2013). Compositora, formada em Música pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE/2013). Trabalhou como pesquisadora no Forschungskolleg Humanwissenschaften, Universidade Goethe-Frankfurt e no Søren Kierkegaard Forskningscenteret, Universidade de Copenhague. Email: deiviane.agostinho@gmail.com.

² Todas as notas referentes à obra de Kierkegaard são retiradas da edição crítica, do original dinamarquês, *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS), ed. Niels-Jørgen Cappelørn et al. elektronisk version 1.8.1 ved Karsten Kynde, København: Søren Kierkegaard Forskningscenteret, 2014. As referências seguem o seguinte formato: a sigla SKS (*Escritos de S. Kierkegaard*), seguido do número da obra e da paginação. Exemplo: SKS 4, 99. Isso é o mesmo que *Escritos de S. Kierkegaard, Temor e Tremor*, p. 99. A introdução de um número depois da paginação significa que a obra foi comentada pelos editores. Exemplo: SKS 4, 99, 4. O número 4 corresponde ao comentário.

³ COME, Arnold B. *Trendelenburg's Influence on Kierkegaard's Modal Categories*, Inter Editions, 1991.

⁴ Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir são responsáveis pela ideia de má-fé como a compreendemos hoje. De Beauvoir também é responsável pela ideia de moral da ambiguidade. Esses autores têm maior público no Brasil e são porta de entrega para textos e ideias da tradição estudada por eles.

sofisticada e que se dá como um estado moral distorcido, representado por uma visão cômica dos costumes da Copenhague do século XIX.

*Prefácios*⁵ foi escrito no período entre o final de maio e o início de junho de 1844. O período entre a sua composição e a sua publicação foi bastante curto, levando em conta um outro material em que Kierkegaard estava trabalhando na época. Esse outro material, denso e com contornos sistemáticos, dá origem ao livro *O Conceito de Angústia*.⁶ Considerando ainda as publicações imediatamente anteriores, *Três Discursos Edificantes*⁷ e *Migalhas Filosóficas*,⁸ pode-se apontar a década de 40 como um dos períodos mais prolíficos da carreira Kierkegaard. Durante os pouco mais de 10 anos que antecedem a sua morte, Kierkegaard continua escrevendo sobre ética, responsabilidade individual e linguagem.

Kierkegaard e a má-fé da Igreja

A Copenhague de Kierkegaard era dominada pela igreja protestante. Kierkegaard é geralmente descrito como um autor cristão, mas ele foi, na verdade, antagonista da volição superficial que nascia nas classes abastadas da sociedade dinamarquesa. Até certo ponto, essa volição superficial nasce da igreja e de seus privilégios. É na igreja que, mais facilmente, um indivíduo pode confundir uma verdade subjetiva, dependente da honestidade humana, com uma verdade objetiva, dependente apenas da capacidade de argumentação do orador.

Kierkegaard foi um desses oradores, nos diversos ambientes da Copenhague protestante: na cafeteria estudantil, na universidade, nas folhas do *Corsair*⁹ e escrevendo sermões. Diferente dos demais oradores e intelectuais de sua época, Kierkegaard percebeu que a verdade estaria apenas deficientemente demonstrada por sistemas lógicos e metafísicos. Por tanto, sua sugestão foi analisar a relação do eu consigo mesmo e com o outro. O eu está em uma posição de fragilidade diante da existência e isso significa que

⁵ SKS 4, 465–527.

⁶ SKS 4, 309–454.

⁷ SKS 5, 227–269.

⁸ SKS 4, 213–306.

⁹ *O Corsair* (*Corsaren*) foi uma proeminente revista satírica e política dinamarquesa que serviu como palco para a campanha de humilhação pública sofrida por Kierkegaard durante sua vida. Os estudiosos chamam esse fenômeno de *A Questão Corsair*.

o ser humano não se dá, não se coloca no mundo, mas toda ação humana lhe é inerente e se torna sua responsabilidade.

Tudo que fazemos amplia nossa fragilidade, cria novas responsabilidades. Kierkegaard, frágil como qualquer ser humano, queria ser escritor. Uma carreira de escritor, naquele momento histórico, assim como virtualmente todas as carreiras intelectuais, passava de uma forma ou de outra pela aprovação dos círculos intelectuais vigentes. Todos esses círculos intelectuais estavam ligados formal ou informalmente aos membros da igreja e aos professores da Faculdade de Teologia da Universidade de Copenhague. Com um objeto de estudo e um pensamento tão diverso do sentimento teológico, Kierkegaard está mesmo assim geográfica e temporalmente ligado à igreja.

Por sua vez, a relação de Kierkegaard com a igreja, relação essa que foi inevitável a todos os autores dos séculos passados, não diz respeito ao seu principal interesse epistemológico e, considerando as ideias que surgem com Kierkegaard, esse contexto era apenas negativamente teológico. Isso se deve ao uso indevido, feito pela igreja e pelos dogmáticos, das teorias filosóficas do período. Por exemplo, a filosofia de Hegel, que Kierkegaard estuda com afincado e entusiasmo no início, assim como um kantismo à moda de Schelling, se tornam método exegético entre os dogmáticos. Kierkegaard entende que há aí um erro irreconciliável. Influenciados por diversas correntes filosóficas, os estudiosos dogmáticos ligados à igreja, não raro professavam ideias contrárias às próprias matérias dogmáticas.

Nesse erro irreconciliável, Kierkegaard percebe a existência do autoengano e da desonestidade. E por que Kierkegaard não abandona de vez a igreja? Na Copenhague de Kierkegaard, até mesmo os círculos sociais exteriores ao âmbito da igreja, como o círculo dos escritores vinculados ao dramaturgo dinamarquês Heiberg,¹⁰ exerciam influência apenas nos limites da cultura protestante. Habitar esses limites parecia inevitável ao jovem Kierkegaard. Abandonar a igreja seria abandonar a carreira de escritor.

¹⁰ Johan Ludvig Heiberg (1791 – 1860) foi um escritor dinamarquês. Heiberg figura nos textos de Kierkegaard com algum grau de importância. Além de *Prefácios*, onde esse grau é máximo, temos *Crise na Vida de uma Atriz (em Crise i en Skuespillerindes Liv SKS 14, 93–107)*. O texto trata da transição entre conteúdo estético e ético da performance de uma atriz. A atriz em questão é nada menos que Johanne Luise Heiberg (1812–1890), esposa de Heiberg.

Aos poucos o jovem Kierkegaard amadurece, torna-se mais desiludido e livre, mistura de sentimentos que produz um uso corajoso e sofisticado das frases satíricas que ele aprende com Xenofonte e J. G. Hamann.¹¹

Prefácios é uma sátira que tem como cenário os rituais intelectuais ridículos e a própria igreja. Kierkegaard se distancia mais e mais desses rituais ao passo que critica abertamente seus contemporâneos.

A vida em Copenhague, pode-se dizer, começava na igreja com os registros civis de nascimento e terminava na igreja com o último adeus a um morto, que poderia, como diz Brás Cubas de si mesmo, ter vivido uma vida ordinária. Assim como Brás Cubas, Kierkegaard não se casa e a simbologia do casamento é usada como alusão, séria e satírica, ao ser e ao fingir ser ético (autoengano). Ao contrário de Brás Cubas, Kierkegaard não foi de maneira alguma ordinário.

Pela terrível influência geográfica, Kierkegaard também termina a vida na igreja, enterrado, contra sua vontade, pelos seus opositores. Ao menino que queria ser escritor, uma última ofensa: os rituais de seu enterro; garantias de um cristianismo às avessas, sistemático e fundamentalmente deficiente.

Sobre *Prefácios*

Em meio aos livros densos e complicados, temos esta pequena joia. Publicado sob o pseudônimo de Nicolaus Notabene, *Prefácios* é um livro de charmosa exageração cômica, um excelente tratamento da realidade por meio da ironia e do pensamento que busca no cômico um meio de compreender a absurdidade das ações humanas. Uma teoria sobre a ironia e o papel do humor pode ser encontrada em *O Conceito de Ironia*,¹² mas sua aplicação é exemplificada e compreendida mais facilmente em *Prefácios*. O leitor não deve cometer o erro de achar que *Prefácios*, em comparação a outros textos mais canônicos é fácil. No entanto, o objetivo de *Prefácios* é de que notemos bem (Notabene / NB) como a vida é absurda e vazia na esfera do conformismo social. Essa absurdidade é, portanto, mais facilmente capturada aqui.

¹¹ Kierkegaard recebe considerável influência dos pré-socráticos e de J. G. Hamann, filósofo alemão, amigo de Kant. Hamann foi o primeiro a ler a *Crítica da Razão Pura*. Ele também foi o primeiro a escrever uma crítica séria ao pensamento de Kant. Desse esforço surgem o termo e o método metacrítico.

¹² SKS 1, 61–279.

A ideia de escrever *Prefácios* aparece como uma resposta à crítica que Kierkegaard recebe de Heiberg. Esse material, que foi considerado para compor simultaneamente *O Conceito de Angústia* e *Prefácios*, passou a figurar como um projeto chamado *Um Presente de Ano-Novo*. Heiberg faz uma resenha de *Ou/ou* e uma resenha de *Repetição*. Essa última resenha aparece como um presente de Ano-Novo ao público. Kierkegaard responde a essas resenhas com o tom satírico que elas merecem.¹³

Enquanto a ironia se apresenta como resposta ao problema da verdade, a comicidade combate o problema do pedantismo diretamente. Esse período é caracterizado pela rejeição de Kierkegaard do pedantismo e do utilitarismo dos intelectuais, que não sabendo distinguir categorias, tentavam misturá-las.¹⁴

Apesar de ter nutrido no início de sua vida certa esperança e desejo de participar dos círculos intelectuais a que agora se contrapõe, Kierkegaard acaba por se desiludir com a absoluta superficialidade de tais intelectuais, com a má-fé sofisticada de que falamos anteriormente.

Feliz Ano-Novo

A melhor época do ano para publicar um livro é o Ano-Novo, diz-nos Nicolaus Notabene, mesma referência de Heiberg em sua crítica a Kierkegaard. Ora, Kierkegaard publica *Prefácios* e *O Conceito de Angústia* no mesmo dia. Nenhuma das obras, no entanto, é publicada no Ano-Novo. Trata-se, portanto, de algo sério. *Prefácio* não é um presente, muito pelo contrário.

O leitor que acompanhar este projeto, poderá ler os comentários do pseudônimo Nicolaus Notabene sobre prefácios. Aquele que é casado, ele vai dizer, não pode escrever livros, pois isso seria uma grave traição. Resta a pessoa que se casa, escrever prefácios. Kierkegaard se refere aos seus contemporâneos que vivem no autoengano de que são éticos pelo sacramento do matrimônio. Como na passagem sobre o anúncio de casamento na tradução a seguir, esses intelectuais não publicam se não prefácios de livros que nunca

¹³ SKS 4, 324. Em *O Conceito de Angústia*, Kierkegaard escreve uma nota de rodapé sobre o *Presente de Ano-Novo* e sobre Constantin Constantius, pseudônimo de Kierkegaard envolvido na polêmica com Heiberg, por ser o “autor” de *Repetição*.

¹⁴ *Polemik mod Heiberg*, SKS 16, 61–88. Forfatteren af »Gjentagelsen«. Trad.: *Polêmica contra Heiberg*, Constantin Constantius, autor de *Repetição*.

serão escritos. Escrever esses livros exigiria que o escritor reconhecesse seu autoengano, sua condição de fragilidade.

A tradução que apresentamos aqui é traduzida integralmente do dinamarquês.

“Prefácios”, de Kierkegaard

Prefácio I

Que prazer é ter escrito um livro! Este é um discurso sentimental e insatisfatório, que por isso raramente é ouvido, e nunca tem apoio histórico, onde o suspiro do pensamento trabalhando, o bater do coração no tumulto da deliberação, a vermelhidão e palidez do ser humano interior no pressentimento e no abraço, na busca e no encontro, deve ser o mais belo. Não, o belo, o glorioso, o gratificante vem primeiro - e o significado do livro só vem depois. Que prazer é ter escrito um livro que não deve a sua origem a um impulso interior inexplicável, e que, por isso, ignora o seu lugar no mundo, por isso mesmo é tímido e envergonhado como a testemunha ambígua de um amor pecaminoso, não! [Que prazer é ter escrito] um livro que é fruto de um casamento de conveniência¹⁵ entre a editora e o público, escrito como a editora o quer e como o tempo exige, um livro cuja existência se torna óbvia para todos por sua proclamação oportuna,¹⁶ um livro para o qual a crítica já tem uma babá [Goldamme].¹⁷ de prontidão, um livro que é publicado no momento conveniente para benefício de todos: o autor, a editora, a gráfica, o encadernador, o crítico, o leitor.

Ao publicar um livro, deve-se primeiro considerar em que época do ano ele vai aparecer. A época do ano é da maior importância. A este respeito, os melhores e mais sábios homens concordam que o Ano-Novo é a época certa; pois fala-se da publicação de livros no Ano-Novo, tal como o general Holophernes¹⁸ fala aos soldados sobre bater nas

¹⁵ Fornuftgiftermaal / Fornuft-giftermaal: um casamento que se deve unicamente à prudência.

¹⁶ Anúncio oficial de casamento realizado na igreja de cunho obrigatório. (SKS 4, 477, 14).

¹⁷ Gold-amme, lit. enfermeira “dourada”, cuidadora de uma criança já desmamada. As Goldammers eram camponesas muito jovens ou idosas, levadas para serem cuidadoras.

¹⁸ Holophernes, general da comédia *Ulysses von Ithacia* (1725), de Holberg. Ludvig Holberg (1684–1754) foi um escritor dinamarquês que estudou na Faculdade de Teologia da Universidade de Copenhague e foi professor aí. Holberg escrevia sobre assuntos tão diversos quanto Kierkegaard.

suas cartucheiras durante a marcha: sem isto, eu não dou nem um vintém [En Pipe Tobak]¹⁹ pelo serviço .

Quando se deseja publicar um livro, deve-se em seguida assegurar-se de que se vai ganhar algo. Para tal, pergunta-se a um editor, ou a um pesquisador filosófico, ou a um barbeiro, ou a um transeunte, o que o tempo exige. Caso contrário, arranja-se algo, do qual não se esquece de dizer que é isso mesmo o que o tempo exige. É evidente que nem todos têm a capacidade mental de compreender as exigências do tempo, muito menos a têm os duvidosos, a quem essas exigências possam parecer múltiplas, e que o tempo, embora um, tenha, tal como a Maren Amme (a enfermeira),²⁰ várias vozes.

Vejam tudo isto que fiz, e por isso apresento de bom grado o meu mais elegante e zeloso presente de Ano-Novo a um público honrado. Não negligenciei nada no intuito de me convencer que isso irá agradar ao mundo da leitura, e especialmente a qualquer família que celebra o Natal e o Ano-Novo, uma vez que [este livro] irá servir em todos os sentidos como um presente de bom gosto, que poderá até mesmo ser pendurado na própria árvore de Natal por meio de uma fita de seda que vai presa à caixa dourada [do livro].

Ah, é verdade, quase tinha me esquecido de algo. Assim são as coisas, e por vezes é ainda pior, pois se esquece do mais importante. É costume do mundo literário fazer um juramento sagrado. A cerimônia é menos definitiva. Nos tempos antigos, como é bem sabido, as pessoas juraram pelo javali de Freir²¹; Hamlet jura por uma língua de fogo [Ildtang]; diz-se mesmo que os judeus o fizeram de um modo indecente.²² Mas a cerimônia não é importante; o juramento é o principal. Assim, prometo: realizar o mais depressa possível um plano concebido para 30 anos, publicar um sistema lógico, cumprir o mais depressa possível a minha promessa feita há 10 anos de um sistema estético, além disso prometo um sistema ético e dogmático, e finalmente o Sistema [Systemet]. Assim que isto for publicado, a posteridade não terá sequer de aprender a escrever, pois não haverá mais nada para escrever, mas apenas para ler - o Sistema.

¹⁹ Um cachimbo de tabaco, algo sem valor.

²⁰ Uma personagem de Holberg. Maren Amme produz duas vozes simultâneas.

²¹ Deus nórdico. Frier tinha um javali dourado.

²² Cf. Gênesis 24, 9 e 47, 29.

Texto Original:

SKS 4 | 477: Forord I

Hvad det dog er for en Lyst at have skrevet en Bog! Thi dette er en daarlig og sværmerisk Tale, der da derfor ogsaa sjeldent høres og aldrig har Tidens Stemme for sig, at Tankens Syslen under Arbeidet, at Hjertets Banken i Overveielsens Uro, at det indre Menneskes Rødmen og Blegnen i Anen og Omfavnen, i Søgen og Finden skulde være det Skjønneste. Nei det Skjønne, det Herlige, det Belønnende – og Bogens Betydning kommer først bag efter. Hvad det er for en Lyst at have skrevet en Bog, der ikke skylder en uforklarlig indre Trang sin Oprindelse, og derfor er uvidende om, hvorvidt den passer ind i Verden, ja er undselig og beskæmmet som en syndig Forelskelses tvetydige Vidne, nei! en Bog, der er Frugten af et Fornuftgiftermaal mellem Forlægger og Publikum, skreven som Forlæggeren vil have det og som Tiden fordrer det, en Bog, hvis Tilblivelse blev vitterlig for Alle ved betimelig Tillysning, en Bog, for hvem Kritiken allerede har en Goldamme i Beredskab, en Bog, der udgives i det beleilige Øieblik til Gavn | for Alle: for Forfatteren, Forlæggeren, Bogtrykkeren, Bogbinderen, Anmelderen, Læseren.

Naar man vil udgive en Bog, bør man først betænke, paa hvilken Aarstid den skal udkomme. Aarstiden er af uhyre Vigtighed. I denne Henseende ere alle de viseste og bedste Mænd enige om, at Nytaar er Øieblikket; thi det gjelder om Bøgers Udkommen ved Nytaarstid, hvad Holophernes siger om Slaget paa Patrontasken: uden dette giver jeg ikke en Pibe Tobak for det Hele.

Naar man vil udgive en Bog, da forvisser man sig dernæst om, at man vil gavne. Til den Ende spørger man en Forlægger, eller et philosophisk Hoved eller sin Barber eller en Forbigaaende om, hvad det er Tiden fordrer. I Mangel deraf hitter man selv paa Noget, hvorom man ikke glemmer at sige, at det er Det, som Tiden fordrer. Der er nemlig ikke givet Enhver Sjelsstyrke til at forstaae Tidens Fordring, saa meget SKS 4 | 478 mindre som det kan synes den Tvivlsomme, at Tidens Fordring er mangfoldig, og at Tiden, skjøndt een, har ligesom Maren Amme flere Røster.

See alt Dette haver jeg gjort, og derfor overrækker jeg glad min i enhver Henseende særdeles elegante og nitide Nytaarsgave til et høistæret Publikum. Jeg har

Intet forsømt for at turde smigre mig med, at den vil komme Læseverdenen og fornemlig enhver | Familie, der festligholder Jule- og Nytaarsaften, beleilig, da den i alle Maader vil kunne tjene som en smagfuld Præsent, der endog vil kunne anbringes paa Juletræet selv ved Hjælp af en Silkesløife, der er anbragt i det forgyldte Futteral.

Dog, det er sandt, nær havde jeg glemmt Noget. Saaledes gaaer det, stundom endnu værre, saa man glemmer det Allervigtigste. Det er i den litteraire Verden Skik og Brug at aflægge et helligt Løfte. Cerimonien er mindre bestemt. I Oldtiden svor man som bekjendt ved Freirs Galt, Hamlet sværger ved en Ildtang, Jøderne skulle endog have gjort det paa en uanstændig Maade. Dog Cerimonien er ligegyldig; Løftet er Hovedsagen. Altsaa, jeg sværger: snarest muligt at realisere en i 30 Aar paatænkt Plan, at udgive et logisk System, snarest muligt at indfrie mit for 10 Aar siden givne Løfte om et æsthetisk System, fremdeles lover jeg et ethisk og dogmatisk System, og endeligen Systemet. Saasnart dette er udkommet, vil Efterslægten end ikke behøve at lære at skrive, thi der vil Intet videre være at skrive, men kun at læse – Systemet.